

## **Espaço do Trabalho e da Cultura: Mudanças Socioespaciais e Reconstrução dos Espaços Urbano-Industrial no Município de São Gonçalo-RJ**

### **Resumo**

O município fluminense de São Gonçalo tem passado por uma profunda modificação em sua organização social a partir do fim das antigas atividades econômicas e da retomada da dinâmica urbana-operária-fábrica, sendo que estas mudanças na divisão do trabalho atualmente marcam as relações sociais desta população.

O presente trabalho tem como objetivo principal a análise dos processos de transformação da classe trabalhadora do município de São Gonçalo e as suas relações com um território cujas transformações estão relacionadas com a inserção de novas atividades econômicas na região, distintas das atividades tradicionais e formadoras da identidade operária-fábrica que se formou no município. Portanto, trata-se principalmente da observação deste fenômeno urbano segundo os trabalhadores de São Gonçalo e suas representações socioespaciais, enfocando a construção de relações espaço-temporais e de uma cultura local própria concentrada em dois bairros deste município: Vila Lage e Porto da Pedra.

Palavras-chaves: espaço, industrialização, trabalhador, identidade

### **Resumen**

El municipio de São Gonçalo, que hace parte de la región fluminense de Rio de Janeiro, pasa por un gran cambio en su organización social desde la finalización de las antiguas actividades económicas e de la reintroducción de la dinámica urbana-obrera-fábrica. Actualmente, estos cambios en la división del trabajo marcan las relaciones sociales de esta población.

El presente trabajo tiene como objetivo principal la análisis de los procesos de transformación de la clase obrera del municipio de São Gonçalo y sus relaciones con un territorio cuyas transformaciones están relacionadas con la inserción de nuevas actividades económicas en la región, distintas de las actividades tradicionales y formadoras de la identidad obrera-fábrica que se ha formado en el municipio. Por lo tanto, trata principalmente de la observación de este fenómeno urbano segundo los trabajadores de São Gonçalo y sus representaciones socio-espaciales, enfocando la construcción de relaciones espaciotemporales y de una cultura local propia concentrada en dos barrios de esta provincia: Vila Lage y Porto da Pedra.

Palabras-llaves: espacio, industrialización, trabajador, identidad.

## **Introdução**

O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto de translação, da transformação e da experiência sociais.

(Edward Soja, 1993: 101)

Num primeiro momento, este trabalho pretende mostrar uma reconstrução histórica de São Gonçalo, desde a sua antiga configuração socioeconômica até o seu processo de industrialização e de construção espacial pelos trabalhadores. Para isso, limitarei esta reconstrução entre a década de 1930 até os dias atuais, o que me permite focalizar os momentos mais determinantes da industrialização desta região, haja vista que as primeiras indústrias fabris surgiram a partir daquela década. Num segundo momento, destacarei a importância etnográfica para o entendimento dos dados empíricos levantados em campo, que estão sendo utilizados neste trabalho, e o uso da bibliografia adequada para esta etapa. Neste sentido, farei uma análise mais conceitual do objeto da pesquisa: a construção social do espaço urbano, a industrialização e a cultura da classe trabalhadora, utilizando as literaturas clássica e contemporânea para nortear o campo teórico de análise do trabalho geográfico, entre as quais se destacam autores como Henry Lefebvre, Edward Soja, Manuel Castells, Yi-Fu Tuan, Simoni Guedes, José Guilherme Magnani, Gilberto Velho, entre outros.

O presente trabalho, que vai nortear o desenvolvimento da minha tese de doutorado, prosseguirá com a (re)construção dos espaços de trabalhadores urbanos de uma região ainda industrial, por meio de suas representações simbólicas e dos marcos espaciais construídos por eles no município, demarcando o meu campo de pesquisa prioritariamente em duas localidades de São Gonçalo, pois os diversos bairros deste município, embora contíguos, são distintos e possuem especificidades. Como já foi observado num estudo anterior sobre a cultura da classe trabalhadora no município de São Gonçalo, do qual participei como pesquisador, em entrevistas feitas com os moradores da região, esses espaços são muito bem demarcados, com diferenças

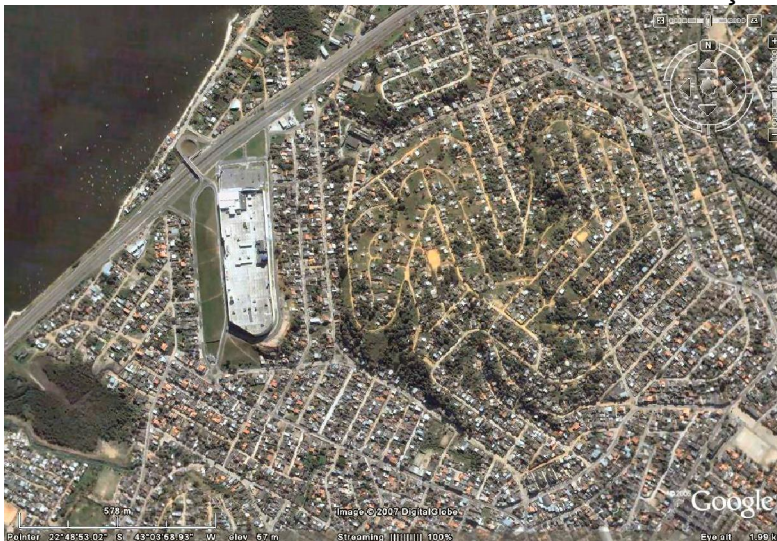
locais e fronteiras sociais notórias, sejam elas atribuídas pela ocupação, sejam pelas condições socioeconômicas atuais.

Assim, minhas observações concentram-se no distrito de Neves, em São Gonçalo, especificamente em dois de seus bairros: Porto das Pedras e Vila Lage. Estes dois bairros, a meu ver, concentram a rede de relações sociais e espaciais mais relevantes para o estudo, já existentes desde o seu surgimento como uma região industrial, até os dias atuais, pois foi Neves que mais recebeu indústrias nas décadas de 1940 e 1950.

Vista do bairro Vila Lage – Neves – São Gonçalo-RJ



Vista do bairro de Porto da Pedra – Neves – São Gonçalo-RJ



(imagens de satélite do Google Earth)



## São Gonçalo: a formação de uma cidade urbano-industrial

Até a década de 1930, antes da implantação das indústrias, São Gonçalo era uma região em que predominavam antigas propriedades rurais, com produção agrícola (citricultura, fruticultura) voltada para os mercados locais. Com a decadência da produção agrícola e a inserção de novas atividades econômicas, sítios e fazendas foram sendo desmembrados para loteamento, a fim de proceder ao que a propaganda da época chamava de “a transformação do rural para o urbano” (Freire, 2002).



Vinhedo em São Gonçalo. Década de 1920. Daniel Ribeiro.  
Centenário da Independência do Brasil. Álbum do Estado do Rio de Janeiro.

O processo de industrialização desta região teve início no período do Estado Novo, a partir da década de 1930, conforme os fatores econômicos, políticos e geográficos que favoreceram a instalação de manufaturas na região, tais quais “a urbanização da Guanabara (Distrito Federal) e a posterior implantação de estratégias de proteção fabril, como financiamentos e isenção de impostos, criados pelo Estado” (Araújo: 2002). Segundo Freire e Freire (2006), politicamente, o desenvolvimento de São Gonçalo foi proporcionado pela aliança entre o governador do estado, Amaral Peixoto, e o presidente da República, Getúlio Vargas, pois “o par capital nacional-estatal foi central para o desenvolvimento de tal parque industrial, uma das expressões do projeto do Brasil moderno urbano-industrial pós-1930”.

A localização geográfica do município, próximo às antigas capitais do estado (Niterói) e federal (Guanabara) e à baía da Guanabara, era um aspecto fundamental para o seu desenvolvimento, já que a proximidade com os grandes centros e o litoral possibilitava o melhor acesso de mão-de-obra, de pessoas e de mercadorias, assim como o estabelecimento de uma indústria naval que já existia (estaleiros e metalúrgicas) e de beneficiamento pesqueiro (sardinhas em lata), bem como de instalações da Marinha.



Mapa extraído do site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo  
(<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/>).

Com a grande demanda imobiliária originada pela afluência de trabalhadores para as indústrias e a necessidade de se construírem casas, vilas operárias, conjuntos habitacionais e toda a infra-estrutura para abrigar a população crescente, as propriedades rurais remanescentes passaram a ser loteadas a partir da década de 1940, configurando um novo desenho e imprimindo novas características à região de acordo com a intensificação da ocupação urbana. A construção da rodovia federal BR-101, que tem um pequeno trecho passando pelo município de São Gonçalo, proporcionou a ligação mais rápida entre os bairros de São Gonçalo aos centros de Niterói e do Rio de Janeiro, estendendo o crescimento das indústrias e focos populacionais também ao longo das margens da rodovia e aos locais mais distantes e menos urbanizados, posteriormente as “novas periferias” (Guedes, 1997). Podemos

lembrar também a metáfora de Lefebvre ao dizer que “o tecido urbano não é apenas um tecido jogado sobre o território”, já que

com efeito, o interesse do “tecido urbano” não se limita à sua morfologia. Ele é o suporte de um “modo de viver” mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana. Na base econômica do “tecido urbano” aparecem fenômenos de outra ordem, num outro nível, o da vida social e “cultural” (Lefebvre, 2004:11).

De modo geral, os fatores acima mencionados foram decisivos para fomentar os grandes projetos econômicos instalados no município de São Gonçalo, determinantes para a transformação da região, cujo modelo de industrialização é muito semelhante ao de outras cidades brasileiras.

Historicamente, São Gonçalo foi marcada por uma dinâmica industrial expressiva no contexto nacional, chegando a ser classificada como a “Manchester fluminense”, dado o seu alto e variado grau de concentração industrial, e o distrito de Neves teve um importante papel entre os bairros de São Gonçalo que cresceram em torno desta atividade, se estruturando, assim, como um bairro formado por operários de diferentes ofícios. Entre as indústrias instaladas na região, havia as de fundição, de cerâmica, de fósforo, de conservas de peixe, de artefatos de cimento, de vidros e porcelanas, de fogos, além das indústrias ligadas à construção naval e instalações militares.

Atualmente, São Gonçalo possui cinco distritos administrativos (São Gonçalo, Ipiíba, Monjolo, Neves e Sete Pontes) que abrigam 91 bairros (vide mapa e tabela abaixo). A maior concentração populacional encontra-se no distrito de São Gonçalo, sendo que o distrito de Neves abriga a quarta maior população do município (Fundação IBGE, 2000). De acordo com os dados do IBGE (2005), a população de São Gonçalo é de 958.786 pessoas distribuídas numa área de 251,3 Km<sup>2</sup> sendo o segundo município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro. A partir da industrialização da região, com a formação da imensa massa de trabalhadores e suas famílias, houve um grande

crescimento populacional. Entre 1940 e 2000, a população foi multiplicada por dez (Guedes, 2006).

<b>1º Distrito (30 bairros)</b>	<b>2º Distrito (20 bairros)</b>	<b>3º Distrito (17 bairros)</b>	<b>4º Distrito (13 bairros)</b>	<b>5º Distrito (10 bairros)</b>
1. Palmeira	55. Almerinda	53. Jardim	6. Boa Vista	12. Venda da Cruz
2. Itaoca	56. Jardim Nova	Catarina	7. Porto da Pedra	13. Covanca
3. Fazenda dos Mineiros	República	63. Raul Veiga	8. Porto Novo	28. Santa Catarina
4. Porto do Rosa	57. Arsenal	64. Vila Três	9. Gradim	29. Barro Vermelho
5. Boaçu	58. Maria Paula	65. Laranjal	10. Porto Velho	30. Pita
21. Zé Garoto	59. Arrastão	66. Santa Luzia	11. Neves	31. Zumbi
22. Brasilândia	60. Anaia	67. Bom Retiro	14. Vila Lage	32. Tenente Jardim
23. Rosane	61. Joquei	68. Gebara	15. Porto da Madama	33. Morro do Castro
24. Vila Lara	62. Coelho	69. Vista Alegre	16. Paraíso	34. Engenho Pequeno
25. Centro (Rodo de S.G.)	72. Amendoeira	70. Lagoinha	17. Patronato	35. Novo México
26. Rocha	74. Jardim Amendoeira	71. Miriambi	18. Mangueira	
27. Lindo Parque	75. Vila Candoza	73. Tiradentes	19. Parada 40	
36. Tribobó	76. Anaia Grande	85. Pacheco	20. Camarão	
37. Colubandê	77. Ipiíba	86. Barracão		
38. Mutondo	78. Engenho do Roçado	87. Guarani		
39. Galo Branco	79. Rio do Ouro	88. Monjolo		
40. Estrela do Norte	80. Várzea das Moças	89. Marambaia		
41. São Miguel	81. Santa Isabel	90. Largo da Idéia		
42. Mutuá	82. Eliane	91. Guaxindiba		
43. Mutuaguaçu	83. Ieda			
44. Mutuapira	84. Sacramento			
45. Cruzeiro do Sul				
46. Antonina				
47. Nova Cidade				
48. Trindade				
49. Luiz Caçador				
50. Recanto das Acácias				
51. Itaúna				
52. Salgueiro				
54. Alcântara				



Mapa e listagem extraídos do site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo  
(<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/>).



## Os marcos simbólicos como forma de identidade e pertencimento com o lugar

Como bem lembra Tuan, “a própria cidade pode ser um monumento (...). Seus arranjos físicos, suas geometrias e a ordem hierárquica são meios arquitetônicos para expressar um local do cosmo e da sociedade” (1980: 229). Portanto, para entender de que maneira é dado o uso da paisagem na memória dos moradores desses bairros, é importante ressaltar símbolos que identificam o lugar e que também geram um referencial que os diferenciam dos demais. Tais referenciais estão subjetiva e coletivamente identificados como marcos e marcas de um passado desenvolvimentista, de uma época em que industrialização e crescimento urbano eram sinônimos de progresso incondicional, e que, em São Gonçalo, começou a se alterar depois do seu auge industrial, na década de 1950, quando se intensificaram os problemas de uma urbanização precária que também é exemplar do modelo de crescimento urbano das cidades brasileiras. Ou, como sintetiza Reznick (apud Guedes, 2006), “as representações acerca desse fenômeno [da crença na urbanização progressista] começam a se modificar em meados dos anos 50: surge a “cidade-dormitório”, o “caos urbano”, o “descaso” com os bairros populares”. Assim, não é raro que os referenciais oponham-se à situação presente, que muitos moradores apontam como de abandono ou decadência.



(vista do comércio de Neves – São Gonçalo-RJ – Foto: João Marçal)

Podemos listar tais referenciais simbólicos como sendo antigas fábricas, monumentos, conjuntos residenciais e outras formas arquitetônicas características não apenas no distrito de Neves, mas também encontradas em toda a cidade de São Gonçalo. Esses símbolos urbanos específicos delimitam fronteiras, criam vínculos, aprimoram a rede de relações sociais, são includentes ou excludentes, criam um *ethos*. Apontam também para a situação local e para a própria atuação do poder público, valorizando ou desvalorizando uma área.

Apesar de as paisagens do município serem contíguas, cada bairro de São Gonçalo tem características próprias, pois, conforme Magnani (2000), “as discontinuidades significativas do tecido urbano não são o resultado de fatores naturais, como a topografia, ou de intervenção, como o traçado de ruas, zoneamento e outras normas”. Assim, o que determina as diferenças, além de um conjunto de valores culturais, também são os marcos que simbolizam a apropriação do lugar e suas delimitações de acordo com a visão dos moradores. Ainda segundo Magnani, nas representações próprias dos operários, o lugar vira “pedaço” quando

o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações (...) Dessa forma, o pedaço é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para exercício de fruição (2000: 32).

Assim, uma outra distinção importante, a que pretendo me referir em minha pesquisa, para complementar a idéia de “pedaço”, seria a “mancha”, também um conceito dado por Magnani. Minha escolha dos bairros Porto da Pedra e Vila Lage como locais de estudo, além das razões já explicitadas anteriormente, dizem respeito a uma visão conceitual sobre o que seja uma área contínua e homogênea – a que me oponho, no caso de Neves. Não há dúvidas de que se trata de uma área conurbada, porém há

muitas distinções entre elas. Utilizarei, neste caso, a categorização usada por Magnani de “mancha”:

Existe uma outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de freqüentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante (2000: 40).

Assim,

As marcas dessas duas formas de apropriação e uso do espaço – *espaço e mancha* – na paisagem mais ampla da cidade são diferentes. No primeiro caso, no qual o determinante são as relações que estabelecem entre seus membros, pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço enquanto ponto de referência é restrito, interessando mais a seus *habitués*. Com facilidade muda-se de ponto, quando então leva-se junto o *pedaço* (2000: 42).

A respeito das modificações da paisagem arquitetônica ocorridas em São Gonçalo, tais transformações reafirmam as mudanças sofridas pelas novas formas de ocupação e apontam a necessidade de reconfigurar os novos espaços urbanos. Considero que as marcas do passado, no apogeu da industrialização, ainda estão presentes no imaginário da população desses bairros operários. Entretanto, não quero aqui afirmar que o projeto arquitetônico anterior, com vilas e conjuntos residenciais característicos do período, seja determinante como um único paradigma de análise para se entender as mudanças locais, ou melhor, o que se vê hoje, nos bairros, é uma nova organização tanto espacial quanto arquitetônica, que também nos conta sobre o lugar e as pessoas de hoje, pois

a cidade oferece também lugares de lazer, em que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados. Trata-se, enfim, de uma metrópole, com mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro (Magnani, 2000: 19).

Conforme tenho estudado as formas de relações sociais urbanas específicas do distrito de Neves, essas questões de identidade me remetem à minha pesquisa com os índios tupiniquim de Aracruz, tema da minha dissertação de mestrado, quando estes se referiam aos antigos marcos simbólicos das aldeias para a sua reafirmação étnica, que poderiam ser tanto o local de uma antiga árvore derrubada, uma ruína de igreja, um riacho que não existe mais, um caminho no meio da mata, assim como outros que eles elegeram também como marcos simbólicos para a comunidade, o que foi importante para entender também como se dava a sua forma de pertencimento com o lugar e como estes marcos faziam a ligação do passado com as novas relações presentes.

Para compreender o processo de reconstrução do espaço fabril de São Gonçalo e os seus reflexos na relação com os valores e a cultura operária é necessária a abordagem específica do imaginário simbólico desses trabalhadores com suas memórias de cidade industrial e de “passado bom”, assim como, na atualidade, com os seus novos símbolos.

É visível a nostalgia dos trabalhadores, principalmente os mais antigos, enquanto que o que se percebe nas novas gerações é uma outra forma de se relacionar com o lugar, com os atuais paradigmas econômicos mais marcantes na região (notadamente o comércio e a presença de um shopping center). Estes pontos de comparação e análise serão mais bem relatados durante o desenvolvimento do meu projeto, em pesquisas de campo a serem empreendidas adiante.





(panfleto indicando o acesso para o shopping center)

Quanto às formas de ocupação dos trabalhadores atualmente predominantes no município, estas “apresentam-se de modo heterogêneo”, de acordo com a pesquisa de Guedes:

Há inserções formais e estabilizadas no mercado de trabalho bastante diversificadas, configurando-se um espectro que vai de empregos domésticos a pequenos funcionários públicos, registrando-se também alguns pequenos proprietários, além de inúmeras inserções informais e diversas pessoas desempregadas (Guedes, 2006: 5).

Mesmo com as novas inserções econômicas e com a divisão do trabalho dos tempos atuais, tudo indica que a cultura trabalhadora vem reinventando os seus espaços em São Gonçalo.

## Bibliografia

- ALLIÈS, P. *L'invention du territoire*. Grenoble: Presses Universitaires. 1980.
- ARAÚJO, Leila de Oliveira. "Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho." In: *Scripta Nova, Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona. Barcelona, Vol. VI, núm. 119 (54), 1 de agosto de 2002.
- BAREL, Yves. "Le social et ses territoires". In: *Espaces, Jeux et Enjeux*. AURIAC, F. et BRUNET, R. (eds). Paris: Fayard. 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. RJ: Jorge Zahar Ed. 1999.
- BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes. 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel. 1989.
- \_\_\_\_\_, "Efeito de lugar". In: BOURDIEU, Pierre (dir.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri e LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo, Contexto, 2003.
- CLAVAL, Paul. "O território na transição da pós-modernidade". In: *Geographia*, Revista da Pós-Graduação em Geografia, UFF/EGG, Niterói-RJ: ano 1, nº 2. 1999.
- COSTA, Wanderley M. da. *O Estado e as políticas territoriais no Brasil*. 1992. (Coleção Repensando a Geografia).
- FERRAS, Ana Emília de Quadros. *O urbano em construção – Vitória da Conquista: um retrato de duas décadas*. Edições UESB, Vitória da Conquista, 2001.
- FREIRE, Desirée e FREIRE, Denise. "Consolidação de São Gonçalo (RJ) na periferia metropolitana e produção industrial: novas questões para a reflexão." In Silva, Freire e Oliveira (orgs.), *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006.
- FREIRE, Renato Coelho Barbosa de Luna. *Poder e sociedade na [trans]formação da cidade: história dos loteamentos no município de São Gonçalo na década de 1950*. Monografia de curso. UERJ/FFP. 2002.

- GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo. Um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Eduff, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HINDESS, Barry e HIRST, Paul Q. *Modo de produção e formação social: uma autocrítica de modos de produção pré-capitalista*. RJ: Zahar Editores. 1978.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- \_\_\_\_\_. *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.
- HOGGART, Richard. "La culture du pauvre: etude sur le style fe vie des classes populaires en Angleterre." In: *Collection Sens Comum*, Editeur Minuit, 2001.
- LACOSTE, Yves. *A geografia: serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas, SP: Papirus. 1988.
- LEFEBVRE, H. *Espacio y Política: el derecho a la ciudad*, II. Barcelona: Ed. 62 s/a, 1976.
- \_\_\_\_\_. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- MAGNANI, José Guilherme. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole." In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.
- MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. SP: HUCITEC. 1994.
- MORAES, João Marçal Bodê. *De terra tradicional a território indígena: o processo de territorialização dos índios Tupiniquim de Aracruz*. Dissertação de mestrado, SP: USP/FFLCH/Pós-graduação em Geografia Humana. 2000.
- MODESTO, Nilo Sérgio d'Ávila. "As práticas espaciais do poder político em São Gonçalo." In: Silva, Freire e Oliveira (orgs.). *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006.
- MOREIRA, Rui. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. "Reconhecendo a metrópole no cotidiano." In: Silva, Freire e Oliveira (orgs.). *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006.

\_\_\_\_\_. "Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção metropolitana no Rio de Janeiro." In: *Scripta Nova Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona. Barcelona, Vol. X, núm. 218 (51), 1 de agosto de 2006.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. SP: UNESP. 1998.

RAFFESTEIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. "Écogenèse territoriale et territoire". In: *Espaces, Jeux et Enjeux*. Auriac, F. et Brunet, R. (eds). Paris: Fayard. 1986.

REZNIK, Luís. *História local e comunidade: o exercício da memória e a construção de identidades*. Trabalho apresentado na 6ª. Mostra de Extensão, UERJ, 2000.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel. 1985.

\_\_\_\_\_. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, EDUSP. 1978.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. "Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana." In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR. 2001.

SILVA, A. C. da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec. 1994.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VAINER, Carlos B. & ARAÚJO, Frederico Guilherme B. de. *Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional*. IPPUR/UFRJ, CEDI. 1992.

WEBER, Florence. *Le travail à-côte: étude d'ethnographie ouvrière*. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris. 2001.

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1983.



WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. SP: Companhia das Letras. 1989.

WOOLDRIDGE, S. W. e EAST, W. Gordon. *Espírito e propósitos da geografia*. RJ: Zahar Editores. 1967.